

LYGIA MARTINS COSTA: NARRATIVA SOBRE SUAS CONTRIBUI- ÇÕES À MUSEOLOGIA E AO PATRIMÔNIO

Ivan Coelho de Sá¹
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

129

REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

RESUMO:

A proposta deste texto é fazer uma narrativa da atuação profissional da museóloga Lygia Martins Costa, atualmente com quase 101 anos de idade, concentrando-se em suas contribuições à Museologia e ao Patrimônio e recuperando um pouco da memória de sua história de vida. A estrutura da narrativa tem como base as entrevistas concedidas por D. Lygia, entre julho e novembro de 2014, para elaboração de um vídeo apresentado no dia 18 de dezembro, Dia do Museólogo, quando seu centenário foi celebrado conjuntamente com os 30 anos de regulamentação da profissão museólogo.

PALAVRAS CHAVE:

Museologia; Patrimônio; Museu Nacional de Belas Artes; Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN; Lygia Martins Costa

Lygia Martins Costa: narrative about his contributions to Museology and Heritage

ABSTRACT:

The objective of this text is to create a narrative of the working life of the museologist Lygia Martins Costa, who at the time of writing she is almost 101 years old. The text seeks to concentrate on her contributions to Museology and national heritage, preserving something of the story of her life along the way. The structure of the narrative is defined by a series of interviews given by dona Lygia between June and November 2014 for the purposes of a short film subsequently presented on the 18th of December, Museology day, when her 100th birthday was celebrated along with the 30th anniversary of the formal regulation of her profession.

KEYWORDS:

Museology; Heritage; Museum of Fine Arts; IPHAN; Lygia Martins Costa

¹ Graduação em Museologia (EM/UNIRIO); graduação em Pintura (EBA/UFRJ); mestrado em História da Arte e doutorado em Artes Visuais (PPGAV/EBA/UFRJ). Professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio (PPG-PMUS-UNIRIO/MAST).

Introdução

No ano passado, 2014, os profissionais de Museologia e de Patrimônio tiveram um motivo de grande comemoração: o centenário de D. Lygia Martins Costa. Cem anos bem vividos dos quais mais de cinquenta de intensa atividade profissional e intelectual a serviço dos museus, da Museologia e do Patrimônio. No âmbito da Escola de Museologia² foi aprovado o Projeto de Extensão e Cultura *Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras*³, articulado com o projeto de pesquisa *Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil*, que tem como principal suporte de pesquisa o acervo do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS. Uma das linhas de atuação deste projeto de pesquisa refere-se à recuperação de histórias de vidas associadas ao antigo Curso de Museus, atual Escola de Museologia da UNIRIO, bem como aos museus e ao campo da Museologia. A comemoração de efemérides ligadas a estes assuntos têm ensejado a elaboração de entrevistas e vídeos como este dedicado ao centenário de D. Lygia cuja proposta foi sintetizar sua atuação profissional e suas contribuições, em especial como museóloga do Museu Nacional de Belas Artes - MNBA (1940-1951) e do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN (1952-1996).

Nascimento e Família

Apesar de viver há mais de 90 anos na cidade do Rio de Janeiro, o que a torna naturalmente uma carioca, Lygia Guedes Martins Costa – este é o seu nome completo – nasceu no dia 13 de dezembro de 1914, em Pinheiros, atual Pinheiral, cidade fluminense do Vale do Paraíba. O pai – Dr. Mário Andrade Martins Costa – natural de Petrópolis, era engenheiro da Estrada de Ferro Central do Brasil. Residira inicialmente em Juparanã, também no estado do Rio de Janeiro, onde fora trabalhar nos idos de 1910, sendo transferido depois para uma antiga estação em Pinheiros criada à época do Império⁴. Sua mãe, D. Hermínia Guedes da Costa, após o casamento, assumira o nome integral do marido, Hermínia Andrade Martins Costa, num gesto simbólico de dedicação bastante comum à época.

A família de Lygia, tanto paterna quanto materna tinha origens em antigas oligarquias rurais. Seus avós representam um momento, na segunda metade do século XIX, em que alguns membros destas oligarquias migram para os grandes centros onde vão estudar e atuar como profissionais liberais. Domingos de Almeida Martins Costa, seu avô paterno, fora um conhecido médico cardiologista do Rio de Janeiro. Professor da Faculdade de Medicina, tivera, entre seus pacientes, ilustres personagens como o próprio D. Pedro II. Nasceu no Maranhão, onde a família era proprietária de terras na região de Brejo de Anapurus. No Rio de Janeiro, casara-se com a catarinense, Maria Cândida de Araújo Pinto, a única avó que Lygia conheceu e que costumava visitar num sobrado da Rua Bambina, em Laranjeiras, onde residia e faleceu com mais de 90 anos.

2 Do Centro de Ciências Humanas e Sociais - CCH, da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO.

3 Aprovado no Departamento de Estudos e Processos Museológicos-DEPM-CCH-UNIRIO.

4 Importante rota de escoamento do café desde o século XIX, a Central do Brasil, antiga Estação de Ferro Pedro II, fazia a ligação do estado do Rio de Janeiro com São Paulo e Minas Gerais constituindo, naquela época, a maior rede de estradas ferroviárias do país.

Carlos Guedes da Costa, avô materno, também era engenheiro da Central do Brasil, fato que favoreceu a aproximação de sua filha Hermínia ao Dr. Mário Martins Costa, quando este, recém-formado, ingressara na Central do Brasil. A avó materna falecera muito jovem. Também chamada Hermínia, pertencia à família Teixeira de Mello, de cafeicultores do interior fluminense. Era filha de José Alexandrino Teixeira de Mello, médico, jornalista, poeta e um metucioso pesquisador de documentos tendo desempenhado a função de Diretor da Seção de Manuscritos, da Biblioteca Nacional. Dele Lygia deve ter herdado o espírito de curiosidade e a paixão pela pesquisa.

Da infância em Pinheiros, Lygia lembra-se da casa avarandada e do quintal com parreiras, no alto de uma colina, próxima à Estação Ferroviária, na Rua José Alexandrino Teixeira de Mello, coincidentemente, uma homenagem ao seu bisavô materno. Mário e Herminia Martins Costa tiveram 10 filhos, fato comum às famílias de então. A mais velha, Eunice, estudou Arquitetura e o segundo, Tito, tornou-se engenheiro agrônomo tendo trabalhado também na Central do Brasil. Lygia foi a terceira e depois dela nasceram: Tancredo, futuro dentista; Sylvia, depois bibliotecária do Museu Nacional; Carlos, médico clínico-geral; Henrique, médico-cirurgião; Luiz, advogado; Antero, falecido com cerca de 15 anos; e o caçula, José, que se formou também em Arquitetura.

(...) os dois mais velhos nasceram em Juparanã, que fica perto, também por lá. (...) Depois papai foi transferido para Pinheiros e eu nasci e mais dois irmãos nasceram lá. Depois viemos para o Rio e todo o resto nasceu no Rio. Somos dez. (SÁ; VILLAGRÁN, 2014)

O despertar para os estudos e o contato precoce com os museus

Por volta de 1920, Dr. Mário Martins Costa é transferido de Pinheiros para o Rio de Janeiro, onde assume a chefia do Escritório Técnico da Central do Brasil⁵. Dois anos antes, em 1918, com o falecimento do avô materno de Lygia, Dr. Carlos Guedes da Costa, ficara vaga a casa oficial destinada aos engenheiros da Central do Brasil, situada na Tijuca, no largo da Estação de São Cristovão, em frente à Quinta da Boa Vista, próximo à Rua General Canabarro. Toda a família vai residir nesta casa, com quintal nos fundos prolongando-se até o Rio Maracanã. Apesar das transformações urbanísticas do início do século XX, Lygia vivenciou o clima ainda bucólico da capital federal de fins da República Velha.

Engraçado, antigamente, na Avenida Maracanã não havia o Maracanã [estádio]. A nossa casa ia até o rio e eram estacas de ferro que separavam (...) o rio. Depois eles fizeram o Maracanã, a Avenida Maracanã. Tiraram, recuaram e aí passaram a Avenida Maracanã. (SÁ; VILLAGRÁN, 2014)

Em 1921, Lygia é matriculada no Curso Primário da Escola Municipal Benedito Ottoni, na Rua Senador Alencar, nas proximidades de sua casa. Com apenas sete anos ela já demonstra grande interesse em estudar e quando era ameaçada de algum castigo infantil, este era o de privá-la do que mais gostava: ir à Escola. No ano seguinte, 1922, em meio às manifestações ufanistas pelo Centenário da

⁵ Nesta função realizou importantes obras como o Viaduto de São Cristovão e a duplicação da Estrada de Ferro da Serra do Mar, nos quais utilizou o concreto armado, uma técnica construtiva ainda pouco conhecida no Brasil.

Independência, Lygia ingressa no Segundo Ano. Nesta ocasião seu pai é enviado pela Central do Brasil aos Estados Unidos com o objetivo de especializar-se nas modernas técnicas de engenharia aplicadas às redes ferroviárias. Isto repercute na vida de Lygia, pois os estudos têm que ser interrompidos. Entretanto, esta reviravolta leva-a, ainda criança, a conhecer a realidade dos Estados Unidos, então um país praticamente desconhecido para a maioria dos brasileiros.

A família embarca em junho de 1922, residindo nos primeiros seis meses em Nova Iorque, onde Lygia é apresentada a importantes museus por iniciativa do pai que leva os filhos para visitarem o Museu de História Natural e o *Metroplitan* cujas coleções de arte europeia impressionam a menina de apenas 8 anos. Este primeiro contato com o mundo dos museus, fato insólito para uma criança brasileira da época, deve ter exercido uma influência decisiva sobre o espírito desta futura museóloga e historiadora da arte. Depois de Nova Iorque a família residiu em Leetsdale, cidade às margens do Ohio, na Pensilvânia, numa típica casa americana com lareira e pomar de macieiras centenárias. As dificuldades com a língua inglesa foram superadas com aulas particulares para D. Hermínia e todos os filhos. Em dezembro de 1923, retornam ao Brasil, após permanecerem um ano e meio nos Estados Unidos.

Uma canção popular sobre o fundador da Pensilvânia, William Penn, personagem histórica popularizada nas caixas de aveia Quaker, ficou registrada na memória de Lygia: “*William Penn took a motor to go to Tennessee, on the way he met his love. Will you marry me? Turn to the east, turn to the west. Turn to the one that you love best.*” (SÁ; VILLAGRÁN, 2014).

No Rio de Janeiro, Lygia retorna à Escola Benedito Ottoni concluindo o curso primário por volta de 1927. Nesta época, presta exames de admissão no Instituto Lafayette, situado à Rua Conde de Bonfim. Alguns meses depois transfere-se para uma instituição mais perto de sua casa, o Colégio Maria de Nazaré, Departamento Feminino do Instituto Rabello localizado à Rua Ibituruna, nas proximidades do Colégio Militar. O Instituto Rabello, fundado pelo Prof. Eurico da Cunha Rabello, seguidor da doutrina Espírita, pautava-se por métodos pedagógicos considerados modernos para os anos 20, inclusive em relação à tolerância religiosa. Incentivado pelo pai, o gosto de Lygia pelos estudos se intensifica levando-a a interessar-se por Matemática e História. Dr. Mário tinha o hábito de levar os filhos para visitar o Museu Histórico Nacional, o Museu Nacional e as galerias da então Escola Nacional de Belas Artes, depois Museu Nacional de Belas Artes, onde, no futuro, Lygia iria realizar seu primeiro trabalho como museóloga. A menina ficava admirada com as telas de grandes dimensões de Vitor Meireles e Pedro Américo. As pinturas alimentavam sua fértil imaginação, estimulada, também, pela leitura de contos franceses da Biblioteca das Moças, colecionados pela mãe, D. Hermínia. Eram romances de M. Dely⁶ e Henri Ardel⁷, literatura romântica destinada ao público feminino dos anos 20, 30 e 40.

6 Pseudônimo dos irmãos Frédéric (1870-1949) e Jeanne (1875-1947) Petijean de la Rosière, escritores franceses que publicaram dezenas de livros de leitura leve e agradável, voltadas para a educação feminina. Apesar de não serem datadas, as histórias destacavam os valores da aristocracia europeia da transição dos séculos XIX e XX.

7 Pseudônimo masculino de Berthe Abraham (1863-1938), escritora francesa de romances sentimentais, considerados adequados para as moças.

Museu de Belas Artes⁸ e Museu Histórico eram os dois museus que tinha. Museu Nacional também, mas aí não era de arte. Mas nós íamos também ao Museu Nacional. Víamos [na ENBA] aquelas salas enormes cheias de quadros. (...) Tinham uns quadros de batalhas, justamente do Pedro Américo... e Vítor Meireles... aqueles quadros imensos (...). Então, ninguém conhecia, nem na família (...) ninguém conhecia museu. Nós conhecíamos museu desde pequenos. (SÁ; VILLAGRÁN, 2014)

Concluindo o ensino secundário, por volta de 1933, Lygia pensa em ser engenheira, como o pai e o avô materno, uma escolha avançada para uma adolescente de sua época. Entretanto, apesar de estimular a paixão de Lygia pelos estudos seu pai não concorda, pois não considerava a Engenharia uma profissão adequada a uma moça. Lygia fica em casa por cinco anos, lendo e estudando avidamente, mas sem saber que carreira seguir.

Encontro com a Museologia

No início do ano de 1938, uma tia paterna, Zaira Martins Costa, viu num jornal o anúncio sobre a abertura de matrículas para o Curso de Museus do Museu Histórico Nacional. As matrículas ficariam abertas até março. Lygia interessa-se pelas disciplinas do Curso, mas precisava da autorização do pai. Dr. Mário não concorda prontamente e pede ao filho Henrique para ir ao Museu e verificar como era o “ambiente”. Ele voltou com uma informação favorável. Não havia o que temer: “Pode deixar, papai. Só tem mulher!” (SÁ; VILLAGRÁN, 2014). Realmente, em 1938, de um total de 29 alunos matriculados, 22 eram mulheres e somente 7 homens (SÁ; SIQUEIRA, 2007: 50-54).

Em abril de 1938, aos 23 anos, Lygia começa as aulas do Curso de Museus, tendo cursado a Matriz Curricular original, implantada seis anos antes. *Técnica de Museus* e *História do Brasil*, ministradas por Gustavo Barroso. *História da Arte Brasileira* oferecida por Joaquim Menezes de Oliva. *Arqueologia do Brasil* cujo professor era João Angyone Costa e *Numismática* ministrada por Edgar de Araújo Romero. A maioria tinha formação na área de Direito e todos eram autodidatas nas disciplinas que ministravam. Apesar das limitações de um curso recém-criado, com apenas dois anos de duração e várias lacunas em sua grade curricular⁹, ao estudar estas disciplinas, sobretudo a de História da Arte, Lygia percebe que estava no caminho certo e que iria seguir a carreira de conservador de museus. Dentre as colegas de turma, as futuras companheiras do Museu Nacional de Belas Artes, Jenny Dreyfus e Maria Barreto, alguns anos mais velhas que Lygia.

Se eram exigentes? Eram não... Não eram não... O professor mais exigente era o Barroso. Era o nosso professor e sempre foi muito exigente. Então, o Barroso era, mas os outros não. E ficaram, assim, logo muito [meus] amigos, sabe?! Porque eu também tinha interesse muito grande mesmo. Então, eles também tomavam interesse no estudo. Me lembro que ele [Barroso] falava justamente da vivência dele, não é? Dentro do Museu Histórico (...) Porque de História da Arte ele não sabia... Não dava História da Arte. Ele dava... Técnica de Museus e nós tínhamos um professor de História da

8 D. Lygia refere-se às galerias de pintura da ENBA.

9 Em 1944, uma reforma curricular criou novas disciplinas e aumentou a duração do curso para três anos.

Arte no Brasil. Era o Menezes de Oliva. Mas depois que a gente “tava” estudando mesmo, víamos que ele não era grande coisa não. Ele era o que sabia, assim, um pouquinho de arte. Então... eram interessantes sim [as aulas], porque eu gostava muito e gostei toda vida. Arqueologia era com o... Como é o nome dele? Angyone Costa! Era [bom]... Animava, não é? Interessava a pessoa pela coisa, portanto, gostava do professor. Era um professor que estimava muito. História era Barroso. Tudo era Barroso. Ele era mais interessante em História. [...] É, mas era muito pão-pão, queijo-queijo, a Numismática. Então... era uma coisa assim um pouco chata... (SÁ, VILLAGRÁN, 2014).

Lygia concluiu o Curso de Museus em dezembro de 1939. A formatura ocorreu em janeiro de 1940. Foram 18 formandos, um número considerável para a época: 15 mulheres e 3 homens (SÁ; SIQUEIRA, 2007: 264-265). Somente na primeira turma formada pelo Curso de Museus (1933) houve maioria de homens. A partir de 1934, o número de mulheres graduadas torna-se majoritário (SÁ; SIQUEIRA, 2007: 50-54), situação que se mantém ao longo de mais de oito décadas, persistindo na atualidade.

(...) Foi o caminho... o curso tinha a finalidade de formar profissionais para trabalhar em museus, e as cadeiras que ministrava não se encontravam em outras faculdades brasileiras. Havia apenas o ensino básico para suprir as primeiras necessidades, mas incutia nos alunos o desejo de buscar, em livros diversos, o que ele faltava. Portanto, desde o início tivemos consciência de que era um curso a ser ampliado e a responder por necessidade que se tornaram, no exercício das funções, cada vez mais nítidas. (CHAGAS; ALVARES; ALMEIDA, 2010:21)



Formatura da turma de 1939 do Curso de Museus, janeiro 1940 (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

O concurso para conservador de museus

Em 1939, quando Lygia estava cursando o último ano do Curso de Museus, o Departamento Administrativo do Serviço Público - DASP lançou edital de concurso público para Conservador de Museus. O objetivo era suprir os quadros técnicos do Museu Histórico Nacional e do Museu Nacional de Belas Artes, este, criado dois anos antes. Lygia está determinada a fazer o concurso, mas tem que enfrentar a oposição do pai que não via com bons olhos uma filha trabalhando. O impasse foi resolvido com a intervenção de um engenheiro russo, antigo amigo de seu pai da Central do Brasil, Dr. Israel Max Roussine, que o alertou sobre a importância deste concurso para a carreira de sua filha.

Com a anuência do pai, Lygia apressa-se a providenciar a documentação e inscreve-se no concurso. No entanto, ela estava em posição desigual em relação aos demais concorrentes que já vinham se preparando para o concurso ao longo do ano. O concurso previa a apresentação de um trabalho, uma tese como se chamava, a ser defendida perante uma comissão examinadora¹⁰. Lygia teria somente quinze dias para elaborar a parte escrita e por isso escolheu o tema que considerou mais prático para revolver num tempo tão curto *A circulação da prata no Brasil*. A bibliografia sobre este assunto era acessível e ela contou com o apoio de Solano de Barros¹¹, técnico da Seção de Numismática do Museu Histórico Nacional, que lhe ofereceu seus apontamentos, e da amiga Jenny Dreyfus que a ajudou a pesquisar nas bibliotecas. Apesar do pouco tempo Lygia estudou de maneira intensiva, obteve boas notas e foi classificada.

O Solano foi muito camarada. O Solano conhecia até mais que o Romero¹². Ele era um estudioso. Então eu pedi ajuda ao Solano. Foi muito simpático. Muito bom. Concurso feito que eu levei... na esportiva e me saí bem. Teve prova escrita. (...) Foi de História. E eu ali... escrevi... e eles me deixaram escrevendo. Eu escrevi quatro horas e tinha assunto. (...) e fui escrevendo até que falaram: – Acabou, não tem mais não! Eu falei: – Mas não acabei. Mas a prova acabou! Mais de quatro horas de prova! (...) E tinha prova de línguas também. (...) tinha uma prova prática. De Classificação. Então ali tiraram umas peças de porcelana. E outras peças que eles escolheram no Museu e me deram. E foi mais ou menos, porque não tinham explicado nada. (...) Não deram a ficha. A gente teve que compor a ficha. A gente fez como achou que devia fazer. (SÁ, VILLAGRÁN, 2014)

Este choque de opiniões entre o Dr. Martins Costa e Lygia caracteriza bem um processo de transição de dois mundos antagônicos que conviviam nas décadas de 20, 30 e 40. O conservadorismo remanescente do século XIX, ainda muito restritivo em relação à posição das mulheres na sociedade em confronto com as mudanças alavancadas por duas guerras mundiais. Estas mudanças repercutiram não somente na política, marcando períodos distintos da Era Vargas – tanto de autoritarismo nacionalista quanto de democratização –, mas também em termos econômicos e sociais. Um dos aspectos mais marcantes refere-se

10 A comissão examinadora deste concurso de 1939-40 foi constituída por Pedro Calmon, Egon Prates, Orlando Guerreiro de Castro e Fernando Nereu de Sampaio, secretariada por Ana de Alencar (DASP).

11 Alfredo Solano de Barros (1890-1971), conservador da Seção de Numismática do MHN, da qual foi chefe de 1954 a 1960.

12 Edgar de Araújo Romero (1884-1968), professor de Numismática do Curso de Museus (1932-54).

exatamente à emancipação feminina que atinge várias conquistas como a inserção, ainda que tímida, no mercado de trabalho. A área dos museus passa a representar um espaço considerado relativamente adequado para a atuação feminina, mesmo porque os salários não eram altos, o que tornava a área menos competitiva, pelo menos em relação à procura masculina.



Comissão examinadora e candidatos do primeiro concurso para conservador de museus, fevereiro 1940 (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

Atuação no Museu Nacional de Belas Artes

Em março de 1940, Lygia começa sua carreira como conservadora do Museu Nacional de Belas Artes. O MNBA fora criado três anos antes¹³ e era necessário todo um trabalho de tratamento técnico das coleções da antiga Academia Imperial, depois Escola Nacional de Belas Artes-ENBA. Juntamente com Regina Monteiro Real, Elza Ramos Peixoto, Regina Liberalli Laemmert e Maria Barreto, todas egresadas do Curso de Museus e que também haviam participado do concurso do DASP, Lygia integra-se à equipe também constituída de Manoel Constantino Gomes Ribeiro, restaurador, o único não oriundo do Curso de Museus. Estas museólogas, ou melhor, conservadoras de museu, como a profissão era identificada na época, desempenharam um papel fundamental tanto na implantação efetiva do Museu em termos de administração, documentação, pesquisa, conservação e exposição, sob a direção do jovem artista plástico Oswaldo Teixeira¹⁴, egresso da Escola Nacional de Belas Artes e cuja gestão pioneira se estenderá por mais de duas décadas.

Os anos 40 foram marcados por intensa atividade museológica e muitos

13 Lei nº378, de 13 de janeiro de 1937.

14 Oswaldo Teixeira do Amaral (1905-1974), pintor, restaurador, crítico e historiador de arte. Fundador e primeiro Diretor do MNBA de 1937-1961.

estudos. A ânsia de aprimoramento profissional de Lygia é marcada por um período de grandes dificuldades técnicas, típicas de um museu recém-criado, mas também de todo um processo de reforma e modernização das instalações da nova instituição. O prédio, em estilo eclético, vinha sendo utilizado pela ENBA desde 1909 e necessitava ser adaptado para museu. Em 1944, conforme projeto de Regina Real, com a colaboração do então arquiteto do IPHAN, Renato Soeiro, é feita a instalação da reserva técnica com trainéis para o acondicionamento adequado das pinturas não expostas (BOLETIM DE BELAS ARTES, 1945: 51-52). A partir de 1945 as galerias passam por uma série de obras. O prédio recebe um novo pavimento e o sistema elétrico é reformulado para a instalação de ar refrigerado. O segundo andar passa a contar com nove salas e o terceiro com uma grande galeria dividida em seis salas reversíveis (COSTA E OUTROS, 1993: 4).

A complexidade do acervo artístico do MNBA, desperta em Lygia a busca por novos conhecimentos em outras áreas. A paixão voraz pelos estudos acentua-se e transforma-se numa verdadeira obsessão. Uma das primeiras exposições em que trabalhou – *Exposição de Arte Francesa* –, entre junho e agosto de 1940, foi bastante movimentada, com mais de uma centena de obras do Museu do Louvre e de vários outros museus franceses. Houve conferências, uma das quais ministradas pelo conhecido crítico e historiador de arte francês, Henri Focillon¹⁵, e várias visitas guiadas, as *promenades*, como se chamava então, com acompanhamento da Prof^a Marcelle Proux, também francesa (ANUÁRIO MNBA, 1940, 32-40), com a qual Lygia fará depois vários cursos de História da Arte. Ao assessorar o diretor Oswaldo Teixeira na distribuição das obras chegadas da França ela percebe a necessidade imperiosa do estudo da História da Arte:

[O diretor] era o pintor Oswaldo Teixeira. Ele nunca deu bola para o ensino. Ele era pintor. E sabia profundamente a coisa tanto que, numa exposição que veio da França... lá saindo os quadros todos... Eram do século XVIII, século XIX até o século XX. E cada quadro que ia tirando ele ia dizendo quem era o autor. Uma exposição que estava chegando da Europa. Portanto, ele conhecia muito a arte. Arte do século XIX e XX. Ele conhecia muito bem. (SÁ; VILLAGRÁN, 2014)

O primeiro desafio consistiu na classificação da coleção de gravuras, a primeira tarefa encarregada a Lygia. Ela resolve frequentar, por um ano, a disciplina Iconografia, oferecida pelo Prof. Floriano Bicudo Teixeira, no Curso de Biblioteconomia, da Biblioteca Nacional. O programa compreendia basicamente história da gravura, identificação das técnicas, iconografia e iconologia. Com a segurança obtida neste estudo, Lygia cataloga a coleção de gravuras e organiza as exposições *Dürer e a gravura alemã*, entre julho e agosto de 1941.

No Belas Artes eu “paguei” muitos anos: dez, onze anos... Não sei se foram doze... Olha aqui... Cheguei lá, eles me entregaram para... fazer primeiro a classificação. Ah! Tinha uma coleção de gravuras e não havia quem soubesse gravura lá “pra” classificação das peças. Então eu me matriculei [no curso de Iconografia]. Conversei com o diretor... Não! Com o professor, que já conhecia, da Biblioteca Nacional. E ele me convidou então “pra” fazer o curso lá. (...) E fui então... E classifiquei todas as gravuras de lá. Comecei

15 Henri Focillon (1881-1943), professor de História da Arte na Sorbonne, no Colégio de França e na Universidade de Yale, nos Estados Unidos.

[no MNBA] e... me deram logo uma coleção e fiquei trabalhando. Então, o pessoal do Museu não sabia... Porque eles não fizeram o curso (...) E eu fiz então a classificação delas todas. Fiz as fichas... Eram todos gravadores europeus. Eram todos europeus, a maioria deles franceses. Portanto, entrei assim já com uma incumbência. (SÁ; VILLAGRÁN, 2014)

O estudo da Iconografia desperta-a para a importância do conhecimento em História da Arte e esta a leva ao estudo da Filosofia e da Literatura. Na Escola Nacional de Belas Artes, que funcionava no mesmo prédio do Museu, Lygia cursou dois anos de História da Arte com o crítico e historiador de arte Flexa Ribeiro (pai). Foi uma experiência importante, pois antes da reforma de 1944, não havia História da Arte Geral no Curso de Museus, somente Arte Brasileira. Na Faculdade Nacional de Filosofia, da então Universidade do Brasil, Lygia estuda Filosofia com o Prof. Álvaro Vieira Pinto, conhecido educador cujas ideias viriam a influenciar a obra de Paulo Freire. Na Faculdade de Filosofia, da Universidade do Distrito Federal, futura UERJ, Lygia estuda Literatura Portuguesa com Thiers Martins Moreira e sua assistente, Cleonice Berardinelli, egressa da USP e que se tornou especialista em Fernando Pessoa. Ainda na Universidade do Brasil, Lygia estuda Literatura Espanhola com o Prof. José Carlos Lisboa, hispanista e filólogo, também um importante nome do ensino superior dos anos 40.

A atuação de Lygia como curadora intensifica-se. Em 1943, ela organiza a *Exposição do Centenário de Pedro Américo* (abril-maio) e a *Exposição de Pintura Britânica Contemporânea* (outubro-novembro). O texto que elaborou para esta última revela segurança e maturidade tanto de História da Arte quanto de crítica artística, como pode ser observado na análise que fez das pinturas de Whistler:

Se bem que norte-americano, Whistler está intimamente ligado à escola inglesa. Ligado pelo ambiente em que viveu, ligado pela influência que deixou. (...) Sua paleta possui poucas cores. É mesmo considerado dos que menos variedades emprega, conseguindo, contudo, tirar os maiores efeitos com tão limitada escala cromática. Seus tons são cosidos e a pintura pastosa. A tendência decorativa, tipicamente japonesa, que tão grande influência exercera em seus trabalhos das décadas de 60 e 70, evolui, e dá lugar a uma pintura mais sólida, produto de uma técnica mais segura e de uma observação mais sutil da natureza. (ANUÁRIO MNBA, 1946: 67)

Em 1944, Lygia faz a curadoria das exposições *A Paisagem na Pintura Brasileira* e *A criança na arte* (outubro). Em 1946, a *Exposição Canadense de Artes Gráficas*, organizada com o apoio da Embaixada do Canadá e montada no prédio do MEC¹⁶, cuja construção fora concluída no ano anterior. Em 1949, *Retrospectiva de Eliseu Visconti* cuja pesquisa e análise dos aspectos estéticos, técnicos, e formais deste artista deram-lhe embasamento para definir seis períodos de sua produção artística. O catálogo desta retrospectiva constitui um dos textos pioneiros sobre Visconti, sendo consultado por historiadores e críticos de arte ainda na atualidade. Em 1951, Lygia organiza a *Exposição Retrospectiva de Raphael Frederico* (agosto-setembro) e no ano seguinte, juntamente com Regina Real, elabora o projeto da exposição *Um Século de Pintura (1850-1950)*. Esta última correspondeu à primeira experiência de Lygia com uma mostra itinerante, empreitada bastante arrojada para a época, montada em Recife (agosto), João Pessoa (setembro) e Salvador (outubro).

¹⁶ Conhecido atualmente como Edifício Gustavo Capanema ou Palácio Capanema.

O estudo de identificação e a classificação de acervos artísticos, como os que D. Lygia realizou no MNBA e depois no IPHAN transformaram-se em sólidas referências sobre os artistas estudados, bem como sobre a História da Arte brasileira. A qualidade e a seriedade destes seus trabalhos residem exatamente na sua preocupação em ampliar o conhecimento sobre as obras estudadas. Longe de fazer um trabalho puramente tecnicista, ela preocupou-se em fundamentá-lo teoricamente, buscando respaldo na História e na Crítica da Arte, na Iconografia, na Filosofia e na Literatura ampliando as perspectivas de análise das obras de arte musealizadas.

A participação em organismos de classe

Em novembro de 1946 foi criado, em Paris, o Conselho Internacional de Museus - ICOM, ligado à UNESCO e resultado da política pacifista, científica e cultural do pós-guerra. Regina Real, que além de conservadora desempenhava também a função de secretária do MNBA, recebeu correspondência do recém-criado ICOM incentivando os museus a se associarem e os países a implantarem representações nacionais. Entusiasmada com as possibilidades de intercâmbio com museus, pesquisas e profissionais do exterior, Lygia interessa-se vivamente em criar uma representação do ICOM no Brasil. Graças a seu entusiasmo o Museu Nacional de Belas Artes foi o primeiro a responder ao chamado do ICOM. Juntamente com Regina Real, D. Lygia preenche os formulários e encaminha a documentação. Com isto, ficou criada, no Brasil, a ONICOM¹⁷, Organização Nacional do ICOM. Como primeiro presidente, o diretor do MNBA, Oswaldo Teixeira, medida estratégica imaginada por Lygia e Regina para dar mais visibilidade à organização, ao passo que as duas se mantiveram como secretárias.

A ONICOM representou um importante passo na medida em que diminuiu o distanciamento dos museus e dos conservadores brasileiros em relação às transformações que ocorriam no campo internacional. O empenho de Lygia na sua concretização reflete não somente seu espírito de curiosidade e seu desejo de crescimento profissional, mas também na visão da necessidade de sair do isolamento do museu e de buscar o intercâmbio, sobretudo em termos de ideias e de novas correntes do pensamento museológico. A partir de então, Lygia se mantém atualizada em termos do que acontecia no cenário internacional. Este seu ativismo culminará com sua participação na Mesa Redonda de Santiago, em 1972, importante marco das transformações no campo museológico.

Pouco mais de vinte e cinco anos após a implantação da ONICOM, liderado por Regina Real, emerge com força um movimento de integração dos profissionais de museus visando a criação de uma entidade nacional que centralizasse o debate pela regulamentação da profissão do museólogo. Em 5 de novembro de 1963, Lygia Martins Costa está entre os sócio-fundadores da Associação Brasileira de Museologistas¹⁸ - ABM, entidade que, após mais de duas décadas de ativismo, logrou obter a regulamentação da profissão.

¹⁷ Atual ICOM-BR, Comitê Brasileiro do ICOM.

¹⁸ Em 1979, transformada em Associação Brasileira de Museologia.



Criação da ABM, Auditório do MNBA, 1963 (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

A bolsa nos Estados Unidos

Apesar de receber a correspondência do ICOM e ficar a par dos eventos e publicações, Lygia ainda queria mais em termos de crescimento profissional. Queria viajar, conhecer novos museus, ver as obras diretamente, vivenciar a prática das técnicas museográficas e aprofundar-se na História da Arte. Em 1948, por meio do Itamaraty, Lygia obtém uma bolsa de estudos para os Estados Unidos, entretanto, mais uma vez tem que vencer a resistência do pai. Ela mostra-se decidida e no último momento o pai acaba cedendo. Em setembro de 1948, ela embarca para os Estados Unidos onde ficou um ano, até 1949, fazendo o Curso Superior de História da Arte e Crítica, no *Institute of Fine Arts*, da *New York University*.

O *Institute of Fine Arts* primava pelos estudos avançados em História da Arte. Na década de 30, com a migração, para os Estados Unidos, de historiadores alemães de origem judaica, tornara-se um centro de excelência reunindo os mais importantes nomes da história e teoria da arte como Friedlaender, Panofsky e Karl Lehman. Este último, especialista em arte e arqueologia greco-romana, ainda permanece na memória de D. Lygia como um de seus mais brilhantes professores. Da janela do *Institute of Fine Arts* ela via o prédio do *Metropolitan*, também situado na Quinta Avenida. A primeira visita ao Museu foi uma grande emoção. Ela não pode deixar de comparar a visita que fizera com o pai, ainda menina, e a que fazia agora, vinte seis anos depois, já com todo um conhecimento em História da Arte.

Ingresso e atuação no IPHAN

Em 1952, Lygia Martins Costa é convidada por Rodrigo Mello Franco de Andrada para trabalhar no IPHAN, tornando-se a primeira mulher museóloga do Pa-

trimônio¹⁹. Além de Mello Franco, ela trabalha com importantes nomes, como Lúcio Costa, Paulo Thedim Barreto e Alcides Rocha Miranda. Inicialmente, ela assume a função de secretária da Comissão de Belas Artes, datando deste período, a curadoria da *Exposição de fotografias da obra do Aleijadinho*, montada em Assunção, no Paraguai, em 1953. Esta exposição exigiu de Lygia uma minuciosa pesquisa e, com uma percepção visual muito apurada, ela mergulha na arte do Aleijadinho, estabelecendo, pela primeira vez, um sentido cronológico de transformação estilística da obra deste artista.

Dando prosseguimento à avidez de conhecimento, Lygia mergulha no estudo de línguas estrangeiras conjugadas com o estudo da Literatura. Frequenta os cursos da Aliança Francesa, da Cultura Inglesa e do Centro Cultural Brasil-Itália. Neste último, estudou por três anos e, em 1954, obteve bolsa de estudos em História da Arte para Roma, onde permaneceu por três meses. Em 1955, ao retornar da Itália, D. Lygia foi trabalhar na Parte Técnica do IPHAN, na Seção de Arte, ligada à Divisão de Estudos e Tombamentos, cujo diretor era Lúcio Costa. Ela passa a atuar como consultora dos museus do patrimônio e procura imprimir-lhes uma lógica mais reflexiva na apresentação dos objetos, preocupando-se também em despertar os museus para as questões locais incentivando-os também a priorizarem as ações educativas.

Em 1966, assume a chefia da Seção de Arte e neste mesmo ano obtém sua última bolsa de estudos, desta vez concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian. Em Lisboa, ela estuda Arte Portuguesa e, com as colegas Maria Augusta Machado e Regina Liberalli, também bolsistas, visita cidades e monumentos portugueses. Os conhecimentos de Arte Portuguesa transformaram-se em importantes subsídios para fundamentar seus estudos sobre a Arte Brasileira do período colonial, tanto em relação à pintura, quanto à talha e à imaginária.



Bolsa de estudos em Portugal, visita ao sítio arqueológico de Conímbriga com o estudioso português, Dr. Santos Simões e a colega Maria Augusta Machado, 1966. (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

¹⁹ Alfredo Theodoro Rusins, graduado pelo Curso de Museus em 1938, foi o primeiro museólogo do SPHAN, onde ingressou em 1943 e permaneceu até seu falecimento em 1978.

Em 1972, com a aposentadoria de Lúcio Costa, já com 20 anos de IPHAN, D. Lygia torna-se diretora da Divisão de Estudos e Tombamentos, o ponto alto de sua carreira. Por esta época, começa a trabalhar com novas gerações de técnicos do IPHAN, como Myriam Ribeiro Andrade de Oliveira, uma de suas discípulas mais respeitadas; e ainda, Ciro Lira, Dora Alcântara, Nonato Duque Estrada, Maria Emilia Matos, Jussara Mendes, dentre vários outros. Ainda em 1972, ela coordena um importante projeto de exposição, a *Memória da Independência*, inaugurada no MNBA. Uma mega exposição para os padrões da década de 70 para comemorar o sesquicentenário da Independência mobilizando profissionais e acervos de vários museus brasileiros. A escolha de D. Lygia para coordenar um evento deste porte revela o reconhecimento pela solidez de sua experiência profissional.



Com o Ministro da Educação, Jarbas Passarinho, na inauguração da exposição *Memória da Independência*, MNBA, 1972. (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

Nos anos 70, as pesquisas artísticas continuam sempre voltadas para a identificação e a classificação de acervos do Patrimônio concentrando o foco de suas análises nas obras do Aleijadinho. Estas pesquisas, orientadas por um senso crítico aguçado e muita sensibilidade, levam-na, em 1977, a um importante feito para a História da Arte ao estabelecer as características pessoais e inventivas na talha dos retábulos do importante mestre mineiro. Suas ideias são expostas no texto *Inovação de Antônio Francisco Lisboa na estrutura arquitetônica dos retábulos*, publicado na Revista do IPHAN, em 1979.

Nas décadas de 80 e 90, D. Lygia encontra-se no ápice de sua carreira. Em 1983 ela idealiza e organiza o Museu da Abolição, em Recife. Ao contrário

dos outros museus do Patrimônio onde atuara como consultora, neste museu ela pode realizar sua concepção como museóloga, começando pela contextualização histórica da escravidão e do processo de abolição, destacando as potencialidades e as contribuições da Cultura Negra na arte, na religiosidade, no imaginário, na literatura, na música...

O Museu da Abolição. É trabalho de um museólogo. Tudo ali está encadeado, tudo ali tem sequência, tudo ali tem sua razão de ser. As peças entram em um momento exato, para revelar uma significação, não só delas como do papel que representaram naquele momento. Portanto, aquele foi um museu feito por museólogo; os outros, não. Assim, por exemplo, quando trabalhei nos museus do Patrimônio, foi sempre no sentido de dar-lhes um certo nexos; não foi para interferir e mudar o museu. Os nossos museus regionais não representam a região, a não ser pelo fato de terem peças daquela região. Mas não há mensagem; falta a especulação, a reflexão e a mensagem, em geral. (CHAGAS; ALVARES; ALMEIDA, 2010: 49)

Experiência no magistério

Nas décadas de 50 e 60, Lygia dedica-se também ao magistério, passo natural em decorrência de todo o conhecimento adquirido. Em 1956, Mário Barata, colega do MNBA e do IPHAN, convida-a para ser professora assistente de História da Arte, na Escola Nacional de Belas Artes. Ela ministra esta disciplina por três anos, destacando-se, dentre seus alunos, importantes nomes da crítica e teoria da arte, como o Prof. Almir Paredes Cunha, no futuro, um dos implantadores do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, na EBA-UFRJ.



IV Congresso Nacional de Museus, MHN, julho 1965. (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

Em 1961, Darcy Ribeiro, então reitor e um dos idealizadores da recém-criada UnB, Universidade de Brasília, convida D. Lygia para implantar disciplinas de História da Arte, no Curso de Arquitetura. Entre 1962 e 1963, ela inaugura o estudo da História da Arte na UnB. Nesta época, Darcy Ribeiro pensa em criar um museu em Brasília, o Museu da Civilização Brasileira, e convida D. Lygia para participar do projeto. Ela alerta para a necessidade de criar um Curso de Museologia para dar suporte à implantação do museu e elabora um projeto apresentado ao reitor pró-tempore, Zeferino Vaz, que o aprova ad-referendum. Entretanto, com o Golpe Civil-Militar de 1964, as propostas inovadoras que vinham orientando a criação da UnB são esvaziadas com o afastamento de seus idealizadores. No *IV Congresso Nacional de Museus*, organizado pela ONICOM no Museu Histórico Nacional, entre 23 e 31 de julho de 1965, retoma-se a discussão sobre a formação em Museologia e Lygia apresenta seu projeto, cuja fundamentação foi estruturada numa base de estudos gerais em História, História da Arte, Filosofia e Literatura.

Participação em encontros internacionais

Em 1956, Lygia Martins Costa participa, como Delegada do Brasil e como Vice-Presidente, na Conferência Internacional de Museus, organizada pelo ICOM na Suíça. Nessa Conferência ela inaugura uma atuação forte, lúcida e presente em encontros internacionais que perdurará por quase três décadas. Em 1958, no Rio de Janeiro, destaca-se como uma das vozes mais respeitadas do Seminário Regional para a Educação em Museus da UNESCO, realizada no MAM. Importante marco da Museologia, este Seminário colocou o Brasil em par de igualdades com as discussões internacionais, uma ideia vislumbrada por Lygia, desde os idos de 1946, quando promovera a criação da ONICOM. Ela entra em contato com vários outros pensadores da Museologia, como o francês Georges-Henri Rivière e o mexicano Mário Vasquez. Em 1965, participa, como Delegada do Brasil, da Conferência Internacional de Museus nos Estados Unidos e, três anos depois, em 1968, na Alemanha. O ponto alto de sua atuação internacional ocorreu em 1972, quando representa o Brasil na paradigmática Mesa Redonda de Santiago, na qual foram estabelecidos princípios basilares sobre o conceito de Museu Integral e sobre a função social dos museus. Em 1981, ela é novamente convidada pelo ICOM para representar o Brasil no Seminário Internacional de Educadores de Museus, na Noruega.

Aposentadoria

Em 1985, D. Lygia Martins Costa aposenta-se, mas sua inteligência, lucidez e disposição para o trabalho não poderiam ser interrompidos. Ela é convidada para a função de Consultora Técnica da então Fundação Nacional Pró-Memória. No ano seguinte, 1986, ela idealiza o projeto de exposição *Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho na Arte Colonial das Minas*. Nesta época, passa a defender a ideia precursora de um inventário geral da obra do Aleijadinho.

Em 1996, após 56 anos de trabalho, D. Lygia Martins Costa afasta-se de suas atividades no Patrimônio continuando, porém, a produzir textos, participar de seminários, prestar consultorias técnicas e dar depoimentos de sua longa e importante contribuição. Nos anos 2000 as homenagens de reconhecimento pelo seu trabalho se sucedem. Em dezembro de 2004, é agraciada pelo COFEM, Conselho Federal de Museologia, com a Medalha do Mérito Museológico. Em

maio de 2006, é homenageada pela Escola de Museologia da UNIRIO como Personalidade Museológica no Dia Internacional de Museus. Na formatura do Curso de Museologia deste mesmo ano, é convidada para ser patrona da turma “Jovem Museologia”. Em novembro de 2006, é homenageada pelo Museu da República como Personalidade Republicana. Nesta mesma ocasião, é agraciada pelo Ministério da Cultura com o grau de Comendador da Ordem do Mérito Cultural, recebendo a comenda das mãos do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, no Palácio do Planalto. Em março de 2012, é agraciada pela UNIRIO com a Medalha de Honra ao Mérito 80 Anos da Escola de Museologia. Em agosto de 2012, por ocasião da 23ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus - ICOM, no Rio de Janeiro, é homenageada pelo ICOFOM por sua participação na Mesa Redonda de Santiago. Em novembro deste mesmo ano, por ocasião do Fórum Nacional de Museus, em Petrópolis, é igualmente homenageada pelo IBRAM na comemoração dos 40 Anos da Mesa de Santiago.

Conclusão

Hoje, do alto dos seus 100 anos, D. Lygia Martins Costa, Comendadora da Ordem do Mérito Cultural, vive cercada de suas memórias, mas também atenta ao presente acompanhando, com interesse, as mudanças e os acontecimentos, sobretudo no campo da Museologia e na área do Patrimônio. Acarinhada pela família e homenageada pelos amigos ela é um verdadeiro patrimônio vivo. Um símbolo de luta e obstinação num momento desbravador, não somente para a Museologia e o Patrimônio, mas também para a mulher que estava deflagrando uma luta corajosa por seu espaço, por suas ideias, por sua profissão, pelo seu direito ao trabalho. Neste contexto, podemos dizer que D. Lygia cresceu profissionalmente junto com o desenvolvimento da Museologia e do Patrimônio. Suas contribuições à Museologia, aos Museus, à História da Arte e ao Patrimônio são valiosíssimas. Sua atuação pioneira abrindo caminhos ao trabalho dos museólogos, sobretudo na área do Patrimônio, influenciou o fortalecimento da profissionalização, seja nas áreas da comunicação e da educação nos museus, seja da pesquisa e catalogação de acervos artísticos, bem como na pesquisa e no ensino de História da Arte. Todas estas contribuições requerem uma avaliação crítica que poderá abrir inúmeras possibilidades de pesquisa que certamente trarão novas perspectivas aos estudos de Museologia e de Patrimônio.



Comemoração dos 100 anos de Lygia Martins Costa, UNIRIO, dezembro 2014. (Foto: Núcleo de Memória da Museologia no Brasil - NUMMUS)

Referências

Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. n°.1. 1938-1939. n°2. 1940. Rio de Janeiro: MNBA, 1940. 64p.

Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. n°.3. 1941. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1943. 90p.

Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. n°.5. 1943. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 94p.

Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. n°.6. 1944. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1948. 162p.

Anuário do Museu Nacional de Belas Artes. n°.8. 1946. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1951. 113p.

CHAGAS, Mario; ALVARES, Lillian; ALMEIDA, Cícero Antônio Fonseca de. **Museologia em ação: Homenagem à Lygia Martins Costa.** Brasília: UnB, 2010.

COSTA, Lygia Martins e outros. **Arte Estrangeira no Museu Nacional de Belas Artes.** Rio de Janeiro: MNBA/MEC. 1953.

O Museu e seus arcanos: um relicário ignorado pelo público. In: Boletim de Belas Artes. n°.7. Rio de Janeiro: jul. 1945. p.51-52.

SÁ, Ivan Coelho de; SIQUEIRA, Graciele Karine. **Curso de Museus – MHN 1932-1978: alunos, graduandos e atuação profissional.** Rio de Janeiro: Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Escola de Museologia, 2007.

SÁ, Ivan Coelho de; VILAGRAN, Raquel. **Entrevistas com D. Lygia Martins Costa (Projeto de Extensão e Cultura Centenário de Lygia Martins Costa: uma reflexão sobre histórias de vidas pioneiras)** [não publicado]. Rio de Janeiro: Jun.-nov. 2014. Entrevista concedida ao Núcleo de Memória da Museologia no Brasil.

Artigo recebido em abril de 2015. Aprovado em junho de 2015